

Resíduos urbanos e midiáticos da Copa do Mundo em Natal: a memória social de um megaevento esportivo na paisagem comunicativa da cidade¹

Prof^a Dr^a Josimey Costa da Silva

Docente e pesquisadora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Resumo

Os resíduos simbólicos e materiais de acontecimentos passados compõe a paisagem urbana e o discurso que a cidade apresenta ao mundo sobre si própria. Em articulação aos acontecimentos do presente, o megaevento esportivo Copa do Mundo realizado no Brasil em julho de 2014, deixou resquícios de imagens na mídia e em novos conjuntos arquitetônicos em Natal, os quais permitem uma visada analítica sobre a realidade social elaborada a partir de uma memória coletiva ordenada midiaticamente. Os modos específicos de ser, habitar e circular pela cidade, que são práticas cotidianas, podem ser compreendidos por meio do exame das relações entre imagens da mídia e expressões materiais de grandes eventos. As perspectivas teóricas de Deleuze, Guattari, Castoriadis, Luhmann e Rodrigues são subsídios para esta estratégia de leitura da cidade.

Palavras-chave

Resíduos simbólicos; memória; realidade social; Natal; Copa do Mundo.

Texto do trabalho

A análise de acontecimentos em uma cidade requer o apontamento de escolhas que permitam isolar, entre um manancial inesgotável de fatos, os mais relevantes para a compreensão de determinados aspectos da realidade social. No caso do presente artigo, as possibilidades semânticas de expressões midiáticas residuais e o potencial comunicativo de equipamentos arquitetônicos e intervenções na paisagem urbana como resultado do megaevento esportivo Copa do Mundo 2014 são as chaves de leitura para olhar Natal. Os resíduos deixados pelo evento nas superfícies que se prestam à comunicação pública na

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

cidade são capazes de ocultar ou fazer emergir fragmentos de uma memória social, que é um fator de fundamental importância para a construção da realidade social e das singularidades, que somos nós mesmos, os seus habitantes ou os seus visitantes. O megaevento surge, nessa perspectiva, como um acontecimento, enquanto que a memória social é percebida como sendo um campo organizado principalmente pelos meios de comunicação de massas, com implicações para as memórias individuais, que não podem se constituir efetivamente sem a estruturação fornecida pelas formações sociais.

As repercussões da Copa do Mundo de 2014 em Natal são, inegavelmente, um fenômeno midiático de massas, embora não só isso. Essas repercussões, como eventos divulgados pelos próprios meios da comunicação técnica comercial massiva, são desdobramentos amplificados dos acontecimentos; é, portanto, a própria mídia que é a origem da maioria das repercussões. Essa amplificação e, por vezes, desvirtuação de características dos acontecimentos originais, ocorrem em razão de estratégias próprias dos meios de comunicação, os quais têm imbricações econômicas, políticas, culturais e subjetivas como resultante de interesses e valores de outros campos sociais. Ao mesmo tempo em que refletem esses interesses e valores, os meios de comunicação atuam também sobre todos esses campos como organizadores, sincronizadores e portadores de uma autonomia que, conforme categoriza Luhmann (2005), os configura como um sistema de função, ou seja, como ordenador do funcionamento dos demais sistemas da sociedade.

Esta reflexão pretende seguir as pistas deixadas pelo megaevento Copa do Mundo 2014 em Natal no tecido comunicativo urbano, de modo a compreender as relações entre imagens da mídia e expressões materiais desse acontecimento, que produz memórias coletivas, as quais irão ordenar também e em certa medida as memórias individuais. Tais memórias são um fundamento para modos de ser, habitar e circular pela cidade. Esses modos, que nunca se apresentam como homogêneos e congruentes em si mesmos, são paradoxais, assim como a própria comunicação interpessoal o é, assim como as interações verbais são. Esse processo paradoxal também emerge de alguma maneira nas expressões da comunicação urbana, que ora subverte e ora se submete às estratégias da comunicação do consumo de massas.

O Urbano

A cidade do cotidiano dos seus habitantes e visitantes é uma cidade comunicativa, em que suas edificações, ruas, praças, espaços ocupados ou vazios significam tempos,

lugares e acontecimentos, de modo concomitante e superposto aos sinais de trânsito, placas de sinalização, letreiros, cartazes, pessoas e comportamentos nos espaços públicos. A cidade e o indivíduo nela estão em permanente fluxo e em constante transformação. A comunicação urbana é o produto dessa incessante emissão de sinais significantes, de símbolos que remetem a outros tempos, outros locais e outras pessoas.

Para o que interesse a esta análise, a comunicação vai além da sinalização e da mera troca de informação. Na cidade, esta se constitui em acontecimento quando faz diferir o lembrar ou o agir nesse território empático, que é o urbano, capaz de fixar os mesmos seres que se movimentam juntamente com seus fluxos de carros, modas, construções e reconstruções, eventos e esquecimentos. A cidade é um lugar de relações sociais e de interacionismo simbólico.

Também para Calvino, a cidade é feita “das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado (...) Os olhos não vêem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas” (1990, p. 14-17). Assim, a paisagem urbana materializada nas ruas é constituída de permanência e efemeridade, em que imagens, objetos, acontecimentos, mensagens e pessoas formam fluxos difíceis de captar em seu movimento fugidio, mas passíveis de perceber se adotado como pressuposto de pesquisa uma postura ensaística como reflexo de um estado cognitivo aberto (MORIN, 1999; FEUEREBEND, 2006) a uma infinidade de dados sobre uma realidade em mutação e ao manejo de ideias em estado de latência, em que o rigor do pensamento não elimina o espanto, a dúvida e a incerteza oriundos da imprecisão e da transmigração.

Dessa maneira, as ruas de Natal são tema de análise privilegiado, ferramentas meta-ensaísticas que permitem pensar o mundo através deles. A pesquisa assim formatada trata esses objetos como mediadores de uma forma de estar no mundo, bem como de narrar esse mundo por meio do olhar do pesquisador. Esse mesmo fluxo está presente em um ambiente não concreto, mas virtual e revelador dos mesmos ecos de eventos, em maior quantidade ainda, mas em estado de latência, só visíveis se acionados pela busca ativa: a internet. O plano do concreto e o plano do virtual se conectam por meio das memórias sociais e permitem reconhecer em um a representação de um mesmo fenômeno já conhecido no outro. Os objetos das ruas do tecido urbano têm correspondências com os meta-objetos ou símbolos encontrados nas vias do mundo virtual.

Uma forma de aproximação a esses objetos-tema nomeados em seu conjunto como “ruas” é o do olhar do *flâneur* benjaminiano (BENJAMIN, 1989), que passeia pela cidade e

pela internet e absorve sua transitoriedade, mas também observa suas permanências, suas camadas de história e significados superpostos. A tentativa é de reconhecimento de intertextos capazes de demonstrar as ressignificações culturais alicerçadas em práticas do consumo de bens e de exposição de si, configurando modos de relação social em cenário urbano que se constitui na comunicação de pessoas com as coisas e umas com as outras.

O objeto empírico é Natal, mas o objeto epistemológico é a mediação que as trocas simbólicas representam na estruturação da vida urbana a partir das imagens produzidas ali e percebidas como apropriação do bairro. O espaço surge, assim, como um corpo coletivo. Como atribuir sentido às imagens híbridas das ruas de uma cidade, que se faz produto e produtora de um imaginário que se torna simbólico? Como perceber a cidade e os acontecimentos nos símbolos em formas digitais da internet? Para isso, é preciso captar o que escapa dos regimes de visibilização e os mecanismos por meio dos quais os objetos que constituem o cenário urbano e os símbolos criados profissionalmente para um megaevento tornam-se próprios de quem lida com eles cotidianamente no espaço público, eliminando a separação entre as pessoas e as coisas, conforme o pensamento de Heidegger (1987).

O acontecimento

Um acontecimento é "o campo de uma multiplicidade indefinida de possíveis, aberto a um mundo de eventos aleatórios, de que se recortam não os mais econômicos e óbvios, mas os mais interessantes para as jogadas que o presente abre". (RODRIGUES, 2001, p. 19). Dessa maneira, o megaevento Copa do Mundo 2014 em Natal foi tratado pelos meios de comunicação de massas e pelas empresas de design gráfico, publicidade e propaganda. Criaram-se símbolos, estruturas arquitetônicas, mensagens publicitárias, imagens fotográficas e digitais, espaços proibidos e espaços ocupados em função desse acontecimento. E o que restou disso tudo hoje?

Para se buscar os significados do que existe como resíduo do megaevento Natal, faz-se necessário observar a comunicação urbana considerando a cidade contemporânea e a comunicação midiática como produtoras e produtos da cultura urbana. Interessam os signos da cidade, superpovoada e de vida universal, lugar privilegiado da modernidade, e os meios da comunicação de massas e suas repercussões sociais, incluindo o papel que esses meios desempenham na formação e manutenção do tecido social urbano.

A cidade é vista neste deambular metodológico como um composto de ruas que apresentam uma densidade de significados capaz de expressar, ocultando, aquilo que o

olhar vislumbra, mas não apreende com facilidade, o invisível que surge como suporte do visível. As ruas são a *anima* de Natal, lugar de pertencimento e demarcação de alteridade, com sua circulação de pessoas, mercadorias e mensagens². A pesquisa realizada para este artigo ocorreu na semana entre 17 e 21/12/2014 constituiu-se primordialmente de observação etnográfica, efetuada como deambulação pelas ruas principais onde estavam anteriormente afixados os símbolos da Copa do Mundo 2014 ou em locais próximos aos eventos relativos aos jogos ou festas, com especial atenção para as ruas de maior fluxo de pessoas e dispositivos comunicacionais³. Estas locações foram objeto do registro fotográfico de elementos significantes para a abordagem do cidade e do megaevento como fenômeno comunicacional a partir das suas trocas simbólicas. Como resultado, a observação permitiu conceber Natal como lugar conectivo de fluxos materiais e simbólicos, de objetivações e compressões espaço-temporais urbanas, bem como de comunicações entre estratos sociais e práticas políticas de repercussão midiática ampla.

Na internet, em várias versões mais antigas dos sítios pesquisados⁴, existem ainda um alto número de imagens referentes ao megaevento, mostrando símbolos publicitários, monumentos arquitetônicos como o estádio Arena das Dunas ou os viadutos do entorno da Arena, escudos, logomarcas, cartazes e fotos de jogos e festas do FIFA Fan Fest⁵. Nas ruas da cidade, a expressão material é escassa, mas os resíduos persistem.

As memórias

A história registrada e acessível é o resultado de um conjunto de lembranças (CONNERTON, 1993, p. 7), de memórias. Para que assim se configurem, devem ser

² Formulação apoiada na perspectiva de Lévi-Strauss (2012).

³ Rua Romualdo Galvão e Avenidas Prudente de Moraes, Salgado Filho, Hermes da Fonseca, Pres. Café Filho, Praia do Forte e Avenida 25 de dezembro .

⁴ Sites ou sítios da internet pesquisados por meio do Google Images:

<http://blogarcosta.blogspot.com.br/2010/12/copa-em-natal-2014-prazo-prorrogado.html>;

<http://direitoamoradia.org/?p=4378&lang=pt> ; <http://www.secopa.rn.gov.br/> ;

<http://blogdoeuripedesdias.blogspot.com.br/2012/11/confira-o-poster-oficial-de-natal.html>;

<http://www.wsantacruz.com.br/page/100>; <http://nobalacobaco.blogspot.com.br/2011/10/sao-paulo-vai-abrir-copa-de-2014>; <http://naoacredito.blog.br/copa-2014-placas-engracadas-de-erros-de-traducao>;

<http://tarauacanoticias.blogspot.com.br/2013/01/dez-dos-doze-estadios-da-copa-2014.html>;

<http://rnblogprog.org/2012/03/13/a-copa-das-falacias>; http://www.cartapotiguar.com.br/2012/03/12/a-copa-das-falacias/?utm_source=feedburner&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed%3A+CartaPotiguar+%28Carta+Potiguar%29;

<http://blogs.portalnoar.com/turismoar/implantada-aco-es-sustentaveis-para-a-copa> ;

http://en.m.wikipedia.org/wiki/Arena_das_Dunas; <http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/25665-estadios-da-copa-via-satelite>. Consulta feita em 16 e 17/11/2014.

⁵ Espaço organizado pela FIFA - *Fédération Internationale de Football Association*

em cada cidade-sede dos jogos da Copa do Mundo 2014 no Brasil com telão de TV, shows e equipamentos de lazer e alimentação.

acionadas por experiências diretas ou pela representação das experiências de outrem que faça sentido para quem a memória será formada. A memória é coletiva, ou seja, de todos quando passível de re-significação individual. E não há vida real, vivida, sem a trans-realidade do sonho, não há história sem o imaginário (LE GOFF, 1994, p. 17), que é composto tanto das fantasias quanto do cabedal de imagens que forma a vida social e individual.

Foucault critica a obsessão pelas origens na tentativa de construção de uma história global, linear e cronológica. A busca de um princípio único, de uma significação comum a todos os fenômenos de um período, deriva da concepção de que é possível estabelecer, entre esses fenômenos, uma relação linear de causalidade. Ao contrário, o que existe é o espaço de uma dispersão, o deslocamento do descontínuo (FOUCAULT, 1987, p. 10-12). A descoberta de um princípio gerador único é também descartada por Paul Connerton, quando este assinala que “todos os inícios contêm um elemento de recordação (...) o que é totalmente novo é inconcebível” (CONNERTON, 1993, p. 7).

Os meios da comunicação social transformam o descontínuo numa estratégia de acionamento do social, descontextualizando fatos e isolando-os da sua conexão com outros de mesma natureza ou com um suceder de eventos com relação causal. Ao mesmo tempo, transformam essa descontinuidade num tecido que interliga os alvos da comunicação – o público de massas – numa recorrência temática e estetizante que forma um imaginário característico da comunicação midiática. Um ambiente comunicacional é criado e, em sua natureza de sistema de função, os meios interligam os demais sistemas por meio desse ambiente.

Esse deslocamento do descontínuo, em que as causas se sobrepõem aos efeitos e vice-versa, é passível de percepção, mas com base num contrato - o mesmo contrato que constrói símbolos. É esse contrato que torna possível, a partir da ritmicidade, a atribuição de sentido ao tempo, visto aqui como um sistema simbólico complexo. Os símbolos, como construções sociais, tem maior longevidade que os homens, e oferecem as dimensões prospectiva (futuro) e retrospectiva (passado) do tempo. Desse modo, a articulação do presente aparece como uma tradução, que é a forma característica de percepção dos símbolos, e “o que se vive e percebe agora altera semioticamente a história passada e as expectativas futuras” (BAITELLO JR., 1997, p. 77- 108).

A percepção do que há por trás das imagens e do contexto em que foram formadas embasa a reconstituição histórica mais profunda, como o demonstra Jacques Le Goff, ao

exercitar a interpretação do real através da imagem compreendida enquanto ícone. Para ele, tudo o que está na vida dos homens e na sociedade está também na história: “estudar o imaginário de uma sociedade é ir ao fundo de sua consciência e da sua evolução histórica” (LE GOFF, 1994, p. 17). O passado, não se sujeitando a periodizações, embora possa apresentar fases referenciais, revela-se pelas imagens o quanto é o presente.

Sontag e Deleuze concordam com essa perspectiva. Para Sontag, “quanto mais atrás buscamos na história, (...) menos evidente é a distinção entre imagem e realidade” (1981, p. 149). Deleuze descobre, na imagem, um tempo que é a coexistência de todos os níveis de duração; daí, que “... o imaginário não se ultrapassa em direção a um significante, mas em direção a uma apresentação do tempo puro” (1992, p. 85).

Contendo, em si, o tempo, Natal, como as cidades de Italo Calvino (1990, p. 23-31), permanece na memória. Isso, apesar de não apresentar nenhuma grande particularidade contemporânea, excetuando-se a beleza natural de suas dunas, como a própria literatura local atesta. É o olhar que a percorre que descobre sua singularidade e é a memória que repete os símbolos que a fazem existir. O passado remoto, que faz de Natal o que ela é, muda de acordo com o itinerário do olhar, de modo que a cidade é uma sucessão no tempo de cidades diferentes. Mas o futuro também perfaz esse movimento: todas as futuras *Natais*, como as Berenices de Calvino, “já estão presentes neste instante; contidas uma dentro da outra, apertadas, espremidas, inseparáveis.” (1990, p. 147).

As sociedades são comunidades que se auto-interpretam, e uma das mais fortes auto-interpretações são as imagens que essas sociedades criam e preservam de si mesmas. Nessa direção, Alessandro Portelli sugere que a memória só se torna coletiva no mito, no folclore e por delegação; ela só é coletiva com a mediação das ideologias, da linguagem e das instituições. Nesse caso, há uma memória dividida (a dos indivíduos, pois só esses podem recordar) rejuntada pelo controle social (PORTELLI, 1996, p. 127). Esse controle social da memória se estabelece na medida em que o interesse do grupo e sua capacidade de evocação das memórias é que as conjugam no indivíduo. Este, por seu turno, situa o que recorda nos espaços mentais fornecidos pelo grupo. Assim, nenhuma memória coletiva poderia existir sem que se refira a um quadro espacial socialmente específico. A memória individual separada da social é abstração quase sem sentido.

A memória social, de fato, é onipresente na conduta da vida quotidiana, e está inserida, tanto quanto o contamina, no imaginário. É este que dá materialidade à memória

coletiva, ao refletir, transformando, as relações que o homem estabeleceu com o espaço e o tempo.

Os resíduos

Resíduos são restos, traços de algo que aconteceu e que significam, remetendo ao acontecimento original. Na cidade, que "inventa a agricultura" (DELEUZE; GUATARI, 1997, p. 188-189), o espaço é estriado, sulcado; as ruas são camadas de sedimentos deixados pelo que aconteceu, pelo que repercutiu, em combinação com a lisura do asfalto e das paredes de concreto. Nômades e sedentários, os seus habitantes se convertem de um para o outro incessantemente, deixando entre si mesmos restos de metal e tecido, abandonando resíduos sógnicos que nunca desaparecem totalmente. Os símbolos vivem para sempre.

A cidade permite um percurso nômade mesmo em seus espaços lisos, desertos, mesmo nesses, a cidade vomite "um patchwork, diferenciais de velocidades, retardos e acelerações, mudanças de orientação, variações contínuas...(DELEUZE; GUATARI, 1997, p. 189).

A copa, já passado no noticiário dos jornais e apenas uma sombra nas imagens que a internet eterniza, aparecem nas placas de sinalização de Natal, nas fachadas de casa e no espaço vazio do que um dia concentrou uma multidão em festa. Eco (1999), em plena era de Internet e de overdose da informação, ensaia uma reflexão sobre a memória e o esquecimento. Ele argumenta que a memória social é hoje prerrogativa das mídias de massa. Assim como ocorre na cidade, esse é um espaço de superposições e alternâncias, e também da repetição e do retorno do mesmo. O mimetismo, condição do aprendizado social (GEBAUER; WULF, 2004), é coordenado pela memória do visto e incorporado, num processo que atualmente tem sincronização social midiática.

As memórias compartilhadas coletivamente compõem a memória pública. A memória é negociação ou luta política sobre o que será lembrado e o que não será. A comunicação é uma forma de organização. Se assim é, o que esses restos agenciam nas memórias individuais e o que fazem esquecer? O que está ausente das notícias, mas ecoa nas num modo de autorrepresentação de Natal como cidade por meio da expressão dos seus habitantes em seu próprio território ou nas remissões que os visitantes fazem ao se referir à Natal?

Na realidade social, os meios de comunicação tem função de "estabilizar a relação entre redundância e variedade na cultura cotidiana" (LUHMANN, 2005, p. 91). Segundo Luhmann, os meios de comunicação, como um sistema, produzem e reproduzem um conhecimento de mundo por meio de temas moralizadores: "a publicidade espalha sua comunicação necessariamente sobre tantos objetos e sobre tantos receptores, que cada um acaba tendo a impressão de que há algo mais bonito e melhor do que aquilo que ele poderia conseguir por si mesmo". (2005, p. 135).

Assim é que Natal, após o megaevento Copa do Mundo 2014, permanece, como qualquer cidade, sendo um arcabouço sócio, em que códigos significantes se acumulam em sedimentos visíveis ou invisíveis e, nem por isso, menos estruturantes de um modo de ser e de circular caracterizadamente urbano e especificamente natalense, a um só tempo, particular e universal. As práticas de consumo coletivizadas expressam conformação aos padrões e temas oriundos da mídia, mas também refletem conflitos e convergências advindos de outras mediações.

Na leitura da cidade a partir do espaço físico social, foi possível perceber tanto a ocupação como o esvaziamento de espaços urbanos como resultado de um agir político atrelado a interesses econômicos – e nesse agir está o espaço do FIFA Fan Fest. Uma demonstração de poder subsumido a interesses externos a cidade ocupou o espaço, que está vazio agora, como esteve por muito tempo, também atendendo a interesses, desta vez internos (Exército, políticas públicas elitistas). Portanto, as razões da ocupação ou da não ocupação não se dão por motivos puramente econômicos ou racionais; se dão, sobretudo, se dá no campo dos valores.

O que é urbano que só faz sentido se apropriado e a análise de contexto que permite compreender essa apropriação faz parte da pesquisa social, dentro da qual a pesquisa da comunicação urbana se insere. Nessa perspectiva, uma cidade como Natal é tanto produto e resultado de modelos internacionalizados como expressão de práticas mais tradicionalmente arraigadas. Algumas estão aqui e, se não expressam a totalidade da cidade, são partículas da realidade que contribuem para a formação do tecido social que estrutura a vida nela. Obviamente, é impossível totalizar a realidade urbana, que é complexa, imensa e em constante transformação, mas é importante, para que a cidade sejam algo além de uma massa indistinguível de relações obscuras, ver o espaço também como forma, função e estrutura, conceitos que formam um conjunto que não podem ser separados e nem isolados dos processos que são sua dimensão social-histórica.

Material de pesquisa

<http://nobalacobaco.blogspot.com.br/2011/10/sao-paulo-vai-abrir-copa-de-2014>. Consultado em: 16/11/2014.

<http://blogarcosta.blogspot.com.br/2010/12/copa-em-natal-2014-prazo-prorrogado.html>. Consultado em: 16/11/2014.

<http://direitoamoradia.org/?p=4378&lang=pt> ; <http://www.secopa.rn.gov.br/>. Consultado em: 16/11/2014.

<http://blogdoeuripedesdias.blogspot.com.br/2012/11/confira-o-poster-oficial-de-natal.html>. Consultado em: 16/11/2014.

<http://www.wsantacruz.com.br/page/100>. Consultado em: 16/11/2014.

<http://nobalacobaco.blogspot.com.br/2011/10/sao-paulo-vai-abrir-copa-de-2014>. Consultado em: 16/11/2014.

<http://naoacredito.blog.br/copa-2014-placas-engracadas-de-erros-de-traducao>. Consultado em: 16/11/2014.

<http://tarauacanoticias.blogspot.com.br/2013/01/dez-dos-doze-estadios-da-copa-2014.html>. Consultado em: 16/11/2014.

<http://rnblogprog.org/2012/03/13/a-copa-das-falacias>. Consultado em: 17/11/2014.

http://www.cartapotiguar.com.br/2012/03/12/a-copa-das-falacias/?utm_source=feedburner&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed%3A+CartaPotiguar+%28Carta+Potiguar%29. Consultado em: 17/11/2014.

<http://blogs.portalnoar.com/turismoar/implantada-aco-es-sustentaveis-para-a-copa> ;

http://en.m.wikipedia.org/wiki/Arena_das_Dunas. Consultado em: 17/11/2014.

<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/25665-estadios-da-copa-via-satelite>. Consultado em: 17/11/2014.

Bibliografia

BAITELLO JR., Norval. **O animal que parou os relógios**. São Paulo: Annablume, 1997.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. 2. Ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CANEVACCI, Massimo. **A metrópole comunicacional**. Revista USP, São Paulo, n. 63, p. 110-125, setembro/novembro de 2004. São Paulo: Superintendência de Comunicação da Universidade do Estado de São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/63/09-massino.pdf>

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fones, 1994. – (Coleção Tópicos)

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Portugal: Celta Editora Ltda., 1993.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução: Peter Pal Pebart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 5. Tradução de Peter Pál Pebart e Janice Caiafa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. (Coleção TRANS)

- FEYRABEND, Paul **A conquista da abundância**. Bert Terpstra, (org.). São Leopoldo, RS, Editora Unisinos, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução: Salma Tannus Muchail. 6^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Col Ensino Superior.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1987.
- GEBAUER, Günter; WULF, Christoph. **A mimese da cultura**. São Paulo: Annablume, 2004.
- HEIDEGGER, Martin. **Todos nós... ninguém: um enfoque fenomenológico do social**. Apresentação, introdução, notas e epílogo Solon Spanoudis. Tradução e comentários Dulce Mara Critelli. São Paulo: Moraes, 1981.
- HEIDEGGER, Martin. **Que é uma coisa?** Tradução: Carlos Morujão. Biblioteca de Filosofia contemporânea, Lisboa: Edições 70, 1987.
- LE GOFF, Jacques. **O imaginário medieval**. Portugal: Editorial Estampa, 1994.
- LENOIR, Frédéric, TONNAC, Jean-Philippe; e DAVID, Catherine. **Entrevistas sobre o fim dos tempos** - Umberto Eco, Jean-Claude Carrière, Jean Delumeau e Stephen Jay Gould. Tradução: José Laurenio de Melo. Rocco, 1999.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Tradução Mariano Ferreira. 7^a Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. (Coleção Antropologia)
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Tradução Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Tempo brasileiro, 1996 (Biblioteca Tempo Universitário)
- LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005. (Comunicação)
- MORIN, Edgar. **O método 4: as idéias, Habitat, vida, costumes, organização**. Porto Alegre: Sulina, 1998.
- MORIN, Edgar. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- PORTELLI, Alessandro. **O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum**. In: **Usos & abusos da história oral**, Ferreira & Amado (orgs.), Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2001.
- SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia**. 2a. ed. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.